

CAMÕES

IC INSTITUTO
CAMÕES
PORTUGAL
INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO

N.º 157 • 20 de outubro a 2 de novembro de 2010
Suplemento da edição n.º 1045, ano XXX,
do J.L. Jornal de Letras Artes e Ideias
com a colaboração do Instituto Camões



RENTAS: ILUSTRAÇÃO DE ALEXANDRE INRA A EXPOSIÇÃO: LETRAS E CORES, IDEIAS E AUTORES DA REPÚBLICA

NOVOS OLHARES SOBRE A I REPÚBLICA

Inaugurado Centro no King's College

❑ O Centro de Estudos em Língua e Cultura Portuguesa do Instituto Camões (CELCP/IC) no King's College de Londres, dirigido pela investigadora Luís Pinto Teixeira, foi inaugurado a 7 de outubro, com a presença da Presidente do Instituto Camões, Ana Paula Laborinho.

Na cerimónia participaram ainda o reitor do King's College, Rick Trainor, o diretor da Divisão de Artes e Humanidades (em que o centro de sinsere), Jan Palmovsky, a diretora do novo Departamento de Estudos Espanhol, Português e da América Latina, Catherine Boyle, e dos professores portugueses da instituição, Francisco Bethencourt e Helder Macedo.

O centro, cuja criação se deve à celebração de um protocolo entre o Instituto Camões e o King's College, assinado em julho passado, pretende associar os meios académico, empresarial e a sociedade civil dos dois países de forma a tornar-se um fórum de estudos portugueses e lusófonos no Reino Unido.

Jornadas culturais em Santiago do Chile

❑ José Luís Peixoto vai participar a 10 de novembro, em Santiago do Chile, numa tertúlia literária no âmbito da Jornada de Cultura Portuguesa que decorre desde 14 de outubro e que encerra nesse dia no Centro Cultural 'Anselmo Cádiz', promovida pela leitora do Instituto Camões (IC) Natividade Lemos.

Além da participação do escritor português, que verá em novembro a apresentação do seu livro de contos *A Distância entre a Pele e a Tatuagem* (edição da USACH, com o apoio do IC) na Feira Internacional do Livro de Santiago, as jornadas contarão com uma exposição de fotografia (sde Joaquim Mota) e pintura (Madalena Lobão-Tello), um espetáculo de dança pelo grupo local 'Pasiones Ocultas' com música de autores portugueses e uma oficina de pintura de azulejos.

Protocolo entre o IC e a Gulbenkian

❑ O Instituto Camões e a Fundação Calouste Gulbenkian assinaram em setembro passado um protocolo de colaboração no âmbito dos Programas Gulbenkian Ambiente e Gulbenkian Próximo Futuro, dirigidos, respetivamente, por Vítor Soromenho Marques e António Pinto Ribeiro.

O protocolo prevê o desenvolvimento e promoção de atividades e materiais produzidos no quadro daqueles dois programas junto das redes de centros culturais, centros de língua, leitorados, cátedras e docentes IC, durante o ano letivo 2010/2011.



Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo estreia *Os Amantes*

❑ O Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo (GTC-CP), em Cabo Verde, estreou em setembro, durante a 16ª edição do Mindelact – o festival de teatro da capital da ilha de São Vicente – *Os Amantes*, o seu 44º espetáculo, em 17 anos de atividade.

Falado em português e crioulo cabo-verdiano, *Os Amantes* é a adaptação da peça *Quartet* de Heiner Müller, por sua vez foi inspirada no romance epistolar de Choderlos de Laclos, *As relações Perigosas*.

Na descrição de Müller, *Quartet* é uma comédia, um jogo sexual que «mergulha de forma cínica na luta de classes». A ação oscila «entre um salão durante a época da Revolução Francesa e um *Bunker* após a 3ª Guerra Mundial», o que, segundo um texto do GTCCP, «indicia a sua clara intemporalidade».

Prémio 'António José da Silva'

José Maria Vieira Mendes preside júri



José Maria Vieira Mendes

❑ José Maria Vieira Mendes, primeiro vencedor do Prémio de dramaturgia 'António José da Silva', instituído em 2006, é o nome indicado pelo Instituto Camões (IC) para presidir ao júri da parte nacional da edição 2010 deste concurso luso-brasileiro, realizado em parceria com a Fundação Nacional das Artes (Funarte) do Brasil.

O júri nacional de seleção, em que são apurados os quatro textos dramaturgícos concorrentes à fase final do Prémio (2ª fase), juntamente com quatro textos apurados pela parte brasileira, é ainda integrado pelos professores universitários José Louro (Universidade do Algarve) e Anabela Mendes (Faculdade de Letras de Lisboa), indicados, respetivamente, pela Direção-Geral das Artes (DGA) e pelo Teatro Nacional D. Maria II (TNDMII), entidades que também são parceiras do concurso. No Brasil, a comissão de seleção é toda ela indicada pela Funarte.

A atriz e encenadora Ana Nave foi apontada pelo TNDMII para integrar a parte portuguesa do júri

na 2ª fase do Prémio, em substituição de Anabela Mendes, quando esta se juntar à sua contraparte brasileira, para escolher o vencedor final, o que ocorrerá em dezembro próximo.

O Prémio Luso-Brasileiro de dramaturgia 'António José da Silva' tem o valor monetário de 15.000€.

A atribuição do Prémio implica a edição da obra premiada em Portugal e no Brasil. O texto vencedor será também representado nos dois países, numa parceria estabelecida entre a Funarte, a DGA e o TNDMII.

O regulamento estabelece que os oito textos apurados na 1ª fase são apreciados numa 2ª fase por um júri comum aos dois países que determinará o vencedor. A reunião deste júri, que é presidido alternadamente por um brasileiro e por um português com direito a voto de qualidade (em caso de empate). Na edição de 2010, o presidente do júri é indicado pelo Brasil.

Criado no âmbito de um protocolo de parceria entre as diversas entidades envolvidas, o prémio pretende «incentivar a escrita dramática em todos os seus géneros (teatro para adultos, teatro para a infância e juventude, etc.) e o aparecimento de novos dramaturgos de língua portuguesa, reforçando as parcerias de desenvolvimento e cooperação cultural entre Portugal e o Brasil».

Ensino de línguas debatido em Lisboa

Podem institutos de cultura da UE partilhar recursos?

❑ A possibilidade de os centros de língua dos países da União Europeia poderem trabalhar de uma forma mais estreita nos Estados em que se encontram, eventualmente até partilhando recursos, foi um dos tópicos da reunião do grupo de trabalho de línguas da EUNIC – a rede dos Institutos Nacionais de Cultura da União Europeia –, que esteve reunido em Lisboa, acolhido pelo Instituto Camões (IC), de 27 a 29 de setembro.

Sendo um grupo de trabalho, a reunião teve sobretudo um caráter reflexivo, sem qualquer tomada de decisões ou a assunção de compromissos por parte dos participantes e nela procedeu-se a uma troca de informações e de experiências sobre diversos projetos relativos à língua no seio da UE, onde a política é de defesa do multilinguismo.

Os 15 participantes na reunião, em representação de 8 institutos nacionais (British Council, Goethe-Institut, Institutul Cultural Român, Svenska Institutet, Institut Cervantes, Balassi Institute [Hungria] e Instituto Camões) e 2 governos (França, Eslovénia e Bélgica [Wallonie-Bruxelles International, administração pública

encarregada das relações internacionais da Valónia-Bruxelas]), tomaram como ponto de partida a pergunta sobre se «existem oportunidades para os centros de ensino dos membros da EUNIC trabalharem conjunto mais de perto».

Em torno desta questão, os participantes passaram em revista tópicos como os padrões de qualidade, os problemas fiscais e de estatuto e as restrições ao estabelecimento que enfrentam os centros de ensino de línguas dos institutos membros da EUNIC em diversos países, o recrutamento e formação de professores, o ensino a distância, a partilha de instalações, serviços administrativos e ações de promoção e a certificação comum da aprendizagem de línguas.

Da agenda da reunião, que foi aberta por uma intervenção da Presidente do IC, Ana Paula Laborinho, constou também, no primeiro dia, um debate sobre o projeto *Language Rich Europe* (LRE), cofinanciado pela União Europeia e liderado pelo British Council, que se propõe fazer um estudo que estabeleça uma base de dados sobre as práticas e políticas

do multilinguismo na Europa. Nesta parte da reunião, participaram representantes de diversas instituições, nomeadamente académicas, integrantes do projeto, que em Portugal será executado pelo Instituto Camões e pelo ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional).

O LRE assume querer captar a atenção dos dirigentes governamentais e empresariais europeus para lhes mostrar a importância do multilinguismo na criação de sociedades mais prósperas, criativas e estáveis, convencê-los de que o ensino de línguas, os serviços linguísticos e a utilização de línguas exigem uma abordagem mais estratégica e maior investimento, e motivá-los para dar início às mudanças nestes campos.

A sessão do grupo de trabalho da EUNIC teve também um ponto sobre a Plataforma da Sociedade Civil para Promover o Multilinguismo na UE, constituída em outubro de 2009, cujo principal objetivo é promover o diálogo permanente entre a Comissão Europeia e a sociedade civil quanto a diversos aspetos da política do multilinguismo.

Comemorações do 5 de Outubro Novos olhares sobre a I República

Uma «releitura da história da I República», nos planos cívico e académico, é «para já» o legado deixado pelas comemorações da implantação do regime republicano de governo em Portugal, de que se comemoram por estes dias os cem anos. A opinião é da professora universitária Maria Fernanda Rollo, vogal da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (CNCCR). «Essa dimensão do património histórico, da cultura histórica e da leitura da história da I República» tem sido uma das linhas de força das comemorações, em resultado da ação da CNCCR, segundo esta professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa que desempenha as funções de comissária executiva das comemorações. «Há um fenómeno de descoberta deste património e desta história», sustenta. Maria Fernanda Rollo considera «inquestionável» o «contributo e o estímulo» que o centenário tem dado neste campo. «Os resultados estão a surgir todos os dias, com publicações novas em vários domínios», explica. Criada



Bispo do Porto D. António de Sousa Barroso chega a Lisboa para ser interrogado, 1911. Foto Anselmo Franco, Arquivo Municipal de Lisboa

pelo governo em 2008, a CNCCR, presidida pelo antigo banqueiro Artur Santos Silva e integrada ainda pelo jornalista Sarsfield Cabral, pela docente universitária Raquel Henriques da Silva e pelo musicólogo Rui Vieira Nery, assumiu, segundo um texto relativo à sua missão, apresentando no seu sítio, que «uma das dimensões comemorativas» seria

«necessariamente virada para o conhecimento do ideário republicano, dos valores que legitimaram o novo regime e dos acontecimentos e protagonistas da sua história», evitando, contudo, «uma visão passadista» e «contrapondo-lhe uma preocupação prospetiva». Fernanda Rollo chama a atenção que «aquilo que se tem feito é à

escala nacional». «São as leituras ao nível do local e do regional, com contribuições múltiplas por todo o país, é esta noção de comemorações participadas, com conteúdos próprios, que têm sido muito enriquecedoras», segundo diz.

De tudo isto resulta, em seu entender, que se esteja «no caminho de tentar ultrapassar um conjunto de preconceitos complexos, que tem prevalecido na leitura da história da I República», «de alguma maneira sujeita a uma dicotomia de diabolização e sacralização», que «os anos e o conhecimento histórico permite matizar um pouco».

SERENAR LEITURAS DE VELHOS CONFLITOS

As comemorações vieram, assim, «serenar também algumas leituras». «Veja-se o que tem acontecido no campo da apreciação das relações entre a República e a Igreja», aponta. «Há hoje uma visão bastante mais serena, sem obviamente retirar a dimensão mais radical, e violenta até, da I República, no que respeita às relações com a Igreja. Mas, por outro lado, percebendo a dimensão mais positiva da laicização do Estado e, como dizia há pouco [o bispo auxiliar de Lisboa] D. Carlos Azevedo, para além de [o bispo do Porto] D. Manuel Clemente, acaba por ser favorável à própria Igreja». Entre as temáticas que a descoberta ou redescoberta de algumas fontes permitiu reavi-

var, durante as comemorações, está a «a questão do reconhecimento internacional» da República, «quer num primeiro momento em que os revolucionários, ainda em preparação, decidem criar uma missão para enviar para o estrangeiro e, nomeadamente, para os países mais próximos de Portugal, a começar pela Grã-Bretanha, e pela França, para sondar as potências sobre a sua aceitação» quer mais tarde, quando tudo se intensifica, com «a questão da relação do Estado com as igrejas, as relações com o Vaticano, a questão da I Guerra, a proposta de entrarmos na I Guerra e a controvérsia que isso suscita».

«É um mundo de imensa riqueza, como de resto o próprio Magalhães Lima [jornalista e escritor republicano], em Paris, conta e que tem uma história que ainda vale a pena conhecer e explorar, porque a documentação que existe sobre esses materiais é muitíssimo rica e ainda muito por explorar».

No plano cívico, refere que a Comissão procurou suscitar ao nível das comemorações «o debate e a reflexão sobre os valores e os ideários da República, outrora, e a sua atualização, e uma reflexão sobre o presente e sobre o futuro». Fernanda Rollo destaca aqui o tratamento dado à questão da identidade nacional, feita através da própria história dos símbolos – a bandeira, *A Portuguesa* – «que têm agora sido divulgados de outra forma».

«A República no estrangeiro e o estrangeiro na República»

A questão do republicanismo, «como proposta, como experiência internacional», explica, «independentemente de tudo», o interesse que as comemorações do centenário da implantação da República – «uma manifestação de modernidade» e «uma proposta de progresso» – suscitaram em diversos palcos, nomeadamente noutros países.

A implantação da República e mais ainda a temática do republicanismo, «muito querida» à Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (CNCCR) reemvia, segundo Fernanda Rollo, comissária executiva daquela estrutura, para o contexto em que ocorreram e para a «a forma como foram também partilhadas entre diversos espaços e entre diversas propostas».

Portugal, que foi na Europa, depois da França, e excetuando o caso da Suíça, que tem as suas «características próprias», o segundo país a adotar o regime republicano de governo, partilhava à época, segundo Fernanda Rollo, um «quadro de

internacionalização».

«São evidentes (...) algumas relações privilegiadas, nomeadamente com o caso francês e com o caso americano, a propósito dessa temática e as influências que, obviamente, a experiência francesa e a experiência americana tiveram também em Portugal», considera a comissária executiva da CNCCR.

A BUSCA DO RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

Neste período da *belle époque*, em que há uma eferescência forte dos mecanismos de mundialização, «Portugal está no meio desse universo, através das suas ligações culturais, através das suas tecnologias, ou mesmo absorvendo tecnologias exteriores» e pela sua inserção no sistema das relações coloniais ou do imperialismo, refere a investigadora da Universidade Nova de Lisboa.

A implantação da República, em 1910, teve «bastante eco no exterior», afirma. Aliás, diz, «é interessante não esquecer como a República, o republicanismo, o Partido Republicano Português e não

só cuidou, nas vésperas da implantação da República, desse aspeto essencial que tinha a ver como o reconhecimento internacional».

A docente universitária nota que tem havido «várias iniciativas relacionadas com a questão da política externa, a diplomacia, que envolvem todas estas realidades, desenvolvidas, quer em Portugal quer no estrangeiro». E refere o recente colóquio realizado na Assembleia da República.

Tudo isso, «hoje em dia, legitima e justifica também que muitos países estejam a olhar para este centenário». Os países da América Latina, vários países europeus e os Estados Unidos prepararam várias iniciativas, para além da sua presença protocolar nas comemorações.

A Comissão, segundo Fernanda Rollo, tem acompanhado «iniciativas que têm tido expressão e têm sido promovidas por entidades de natureza distinta», quer associadas à diplomacia quer ao mundo académico quer ainda «através de entidades que fazem ligações e que



Fernanda Rollo

mantêm a relação entre Portugal e o exterior», como o caso da Fundação Luso-Americana de Desenvolvimento (FLAD), da Itália, «que dedicou vários espaços e momentos à evocação do centenário da República», da França, «sobretudo no campo da academia», e do Reino Unido.

CELEBRAÇÕES NA LUSOFONIA

No entanto, para o interesse manifestado no estrangeiro pelas comemorações e para a extensão ao exterior que delas fez a Comissão, contribuiu também a «importância das comunidades portuguesas no estrangeiro» e a existência de um mundo de língua portuguesa, a que a CNCCR dedicou um eixo do seu

programa comemorativo, intitulado «República e Lusofonia», agindo em colaboração, quer com o Ministério dos Negócios Estrangeiros quer, «muito especialmente» com o Instituto Camões (IC).

Esse eixo integrou, ou integra ainda, «iniciativas de diversa natureza», nomeadamente no Brasil. Mas também Angola, Moçambique, Cabo Verde, e mesmo Macau e Timor-Leste, «têm procurado associar-se às comemorações do centenário e desenvolver iniciativas próprias, em articulação, tanto quanto possível, com a Comissão», refere a docente universitária. A este interesse, a Comissão respondeu com a «disponibilização de alguns conteúdos» a esses países.

Neste âmbito, situa Fernanda Rollo os cursos a distância, desenvolvidos pela CNCCR em parceria com o IC, através do Centro Virtual Camões, que «têm sido elementos de difusão muito interessantes», nomeadamente junto das comunidades portuguesas, e que foram «um sucesso», «estrondoso» mesmo, no caso do curso *Primeira República e Republicanismo*, obrigando a reedições, devido ao elevado número de interessados.

Sobre «esta questão da República no estrangeiro e o estrangeiro na República», Fernanda Rollo destaca ainda o facto de algumas escolas estarem a trabalhar os conteúdos históricos da I República e do Republicanismo através das línguas.

Exposição na rede do IC República ilustrada

«A ideia é simples e funciona. Multidisciplinar, diz-se. Cruzar textos literários ou ensaísticos e eventos históricos, apresentando o resultado, interpretado sob a ótica da ilustração contemporânea, em cartazes de autor – na sua maioria de criadores jovens e premiados –, que agora vão circular no mundo pela mão do Instituto Camões (IC).

Trata-se da exposição *Letras e Cores, Ideias e Autores da República*, produzida pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB) em colaboração como a Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (CNCCR).

«A partir de textos de autores que marcaram decisivamente a cultura humanístico-literária em Portugal no final do século XIX e início do século XX, a DGLB con-

vidou dez ilustradores (...) a tratar plasticamente dez temas representativos do contexto social, político, cívico e cultural da época», explica o texto de apresentação da exposição, da responsabilidade da DGLB.

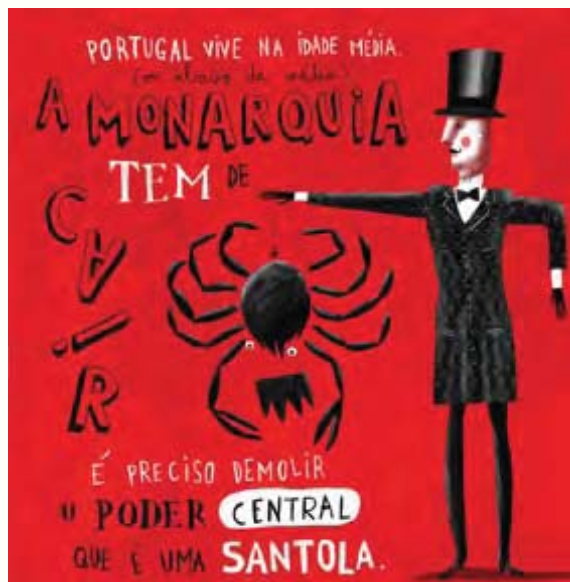
Os temas escolhidos foram o *Ultimatum* (tratado por João Vaz de Carvalho, n. 1958), a *Monarquia* (Afonso Cruz, 1971), o 5 de Outubro (Bernardo Carvalho, 1973), a Igreja (Marta Torrão, 1974), a Educação (Teresa Lima, 1962), as Mulheres (Rachel Caiano, 1977), o Modernismo (Jorge Miguel), a Grande Guerra (Carla Nazareth, 1975), o Chiado (Gémeo Luís, 1965) e as Revistas (Alex Gozblau, 1971).

«O resultado mostra de que forma literatura e arte, passado e presente, se podem cruzar de forma coerente e harmoniosa, dando

corpo a um percurso fulcral da história portuguesa contemporânea: o triunfo da ideia republicana de cidadania, a instauração do regime, a participação de Portugal na I Grande Guerra e a vida política, social, cultural e artística deste período», conclui o texto.

Textos de Guerra Junqueiro, Aquilino Ribeiro, José Rodrigues Miguéis, Abel Botelho e Tomás Fonseca, Leonardo Coimbra e Manuel Laranjeira, Virgínia de Castro Almeida e Ana de Castro Osório, Almada Negreiros, Jaime Cortesão, Raul Brandão e excertos das revistas *Renascença*, *Orpheu* e *Seara Nova* serviram de inspiração aos ilustradores.

Os dez cartazes (na realidade 11, com o cartaz de rosto) que constituem a exposição, cujo design pertence a Luís Mendonça, impressos em mil exemplares, foram apresentados oficialmente em julho passado. Agora vão ser exibidos no exterior, em 38 pontos, correspondentes a 23 países, por ação de leitorados, centros de língua portuguesa e centros culturais da rede do IC e das embaixadas portuguesas.



Monarquia Afonso Cruz

Colóquios e exposições fora de portas

«Saber como reagiram as «populações letradas» das ex-colónias africanas de Portugal ao advento da República, a 5 de Outubro de 1910, foi um dos apelativos tópicos do colóquio internacional que decorreu a 7 e 8 de outubro no Mindelo (Cabo Verde), no Pólo do Centro Cultural Português/Instituto Camões (CCP/IC), em que se procurou também «estabelecer eventuais ligações ideológicas ou de outro cariz entre esta época e esta geração e a que, décadas mais tarde, levou estes mesmos territórios à independência».

O colóquio, organizado pela Universidade de Cabo Verde, pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra e pelo CCP/IC, é uma das múltiplas atividades com intervenção do IC no quadro das comemorações do centenário da República em Portugal, a par de outras como, por exemplo, a circulação pela rede de leitorados, da exposição *Letras e Cores, Autores e Ideias da República* (v. artigo neste suplemento).

A REPÚBLICA VISTA DO BRASIL

Literária foi a abordagem do tema da República escolhida por Teresa Cerdeira (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Helena Buescu (Universidade de Lisboa), organizadoras do colóquio ocorrido a 4 de outubro, em Brasília, no quadro do programa 'República das Letras', que dirigem por conta da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (CNCCR).

Intitulado *A República das Letras na UnB* (Universidade de Brasília), o colóquio contou com a participação dos escritores portugueses Ana Luísa Amaral, Hélder Macedo e Lídia Jorge e homenageou no seu encerramento José Saramago, recentemente falecido.

«Os intelectuais e a República», 'República, Modernidade e Poesia' e 'O Romance pós-25 de Abril' foram alguns dos temas dos painéis do colóquio de Brasil, que se moveu na mesma área do colóquio *Écrire le passé et construire l'avenir, intellectuels, penseurs, écrivains, regards croisés, Portugal-Brésil 1910-2010*, realizado em maio passado, em Paris, em que a implantação da República numa perspetiva luso-brasileira esteve no centro dos debates organizados pelas universidades de Paris Ouest Nanterre/La Défense e Rennes 2 e pela Fundação Calouste Gulbenkian, com o apoio, nomeadamente, dos docentes universitários e leitores do IC em Paris.

Ainda no Brasil, o CCP em Brasília tem dedicado, desde abril, várias conferências do seu 'Café Camões' ao tema da República, enquanto a cátedra Jaime Cortesão, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, patrocinada pelo IC e dirigida por Vera Ferlini, tem prevista a realização de um simpósio sobre os cem anos da República em Portugal a 7, 8 e 9 de novembro próximo.

Na mesma linha do colóquio do Mindelo, as repercussões em Moçambique da implantação da

Cursos a distância

Uma das participações mais significativas do IC nas comemorações tem sido a organização de cursos a distância sobre temas relacionados com a República, através do Centro Virtual Camões, classificados pela CNCCR, que os apoiou, como «um sucesso» (v. artigo neste suplemento). Um total de 171 formandos frequentou, em 2009-2010, os cursos 'Primeira República e Republicanismo' e 'Meio Século de Literatura Portuguesa (1880-1930)'. Este último curso integra também a oferta a distância do IC em 2010/2011, com 28 inscrições.

República constituíram a agenda dos 6^{os} 'Encontros com a História', uma iniciativa do IC e da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Mondlane, que decorreu de 10 a 13 de maio em Maputo. O estado da investigação da situação económica de Moçambique no período republicano, o associativismo nas colónias na era republicana, e os interesses locais e a ideia de autonomia, entre 1890 e 1920 foram temas de comunicações feitas no encontro.

Numa outra ex-colónia, Goa, *A instauração e consolidação da República sob o olhar sarcástico de*

António Correia Pinto de Almeida foi, em setembro passado, o tema da conferência proferida pelo professor universitário Manuel Ferro.

O CENTENÁRIO E OS BICENTENÁRIOS

Fora do mundo da lusofonia, Espanha, França e Reino Unido são, na Europa, os países com mais atividades realizadas ou previstas. Exposições, colóquios, conferências e espetáculos musicais foram agendados em escolas do ensino superior e em bibliotecas de Cáceres, Badajoz e Salamanca, no primeiro país, de Bordéus, Estrasburgo, Lyon, Paris-Nanterre, no segundo, e Leeds, Newcastle e Londres, no terceiro. A Universidade de Londres acolherá a 25 e 26 de novembro um seminário internacional de investigação intitulado *A República Portuguesa em Perspetiva Comparada*.

Em Itália, Nápoles acolheu no Castel Nuovo, em maio, um encontro com escritores, historiadores e diplomatas que apresentaram a sua visão da história da República. Bêlgica, Bulgária, República Checa e Suíça foram outros países europeus onde se registaram iniciativas.

No norte do continente americano, um colóquio sobre Portugal 1910-2010, realizado na Universidade de Berkeley, em março, iniciou as comemorações, que incluíram uma exposição, patente no Portuguese Historical Museum, dedicada ao centenário, com fotografias e réplicas de artigos de imprensa e de documentos oficiais, pertencentes ao arquivo histórico da universidade californiana.

Em Toronto, uma exposição sobre o centenário, promovida pelo consulado português com alunos de portugueses, também em março, e uma conferência proferida a 5

de Outubro pelo leitor José Pedro Ferreira sobre *A Implantação da República em Portugal Vista pelo Jornal "The Globe" (Toronto)*, marcaram até agora as comemorações naquela cidade canadiana, que terminarão em janeiro com uma exposição bibliográfica sobre as obras de Teófilo Braga e Teixeira Gomes e uma conferência sobre a República do embaixador de Portugal em Otava.

No sul do continente americano, e para além do Brasil, Argentina, Uruguai e México protagonizaram diversas ações comemorativas. Em Buenos Aires, até 17 de dezembro, o Instituto Superior em Linguas Vivas 'Juan Ramón Fernández', que aloja um Centro de Língua Portuguesa/IC, mostra uma exposição que assinala, no ano em que a Argentina comemora o bicentenário da independência, o centenário da República em Portugal. Também na Universidade Autónoma do México, as Jornadas de Língua Portuguesa, previstas para outubro/novembro, comemoram o centenário da implantação da República Portuguesa, o bicentenário da independência do México e o centenário da Revolução Mexicana.



Instituto Camões

Rua Rodrigues Sampaio, 113
1150-279 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlencarte@instituto-camoes.pt
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Mário Filipe
COLABORAÇÃO Carlos Lobato;
Ricardo Neves